

*Ruy Belo. Na margem da Alegria –
Poemas escolhidos por Manuel
Gusmão: Assírio & Alvim, 2011,
219 p.*

Manáira Aires Athayde
Universidade de Coimbra/Capes

Mesmo dentro do aparentemente imutável mundo dos arquivos, acontecem coisas. Eis um bom exórdio não só para trabalhos de biografismo (como, aliás, o é o da Maria Filomena Mónica em *Fontes Pereira de Melo. Uma biografia*, livro em que começa a introdução com a frase que assinalamos) ou mesmo de crítica genética. O exercício da antologia decerto nos levaria também a associá-lo a esta proposição: olhar com acuidade para a produção de um autor, das bisadas às mais acanhadas ou discretas composições (por ter menos pujança ou por ser menos visada pela crítica), é dar movimento a toda a sua obra, na unidade que é possível concebê-la. Ora, é sabido que a presença se justifica na ausência, e escolher determinados poemas em detrimento de outros faz com que se pense nesses *outros*, faz com que se reflita sobre os motivos que os levaram a não constar no compêndio.

Assim, parece ser uma tentativa um tanto condescendente justificar as fissuras que toda antologia carrega naturalmente consigo perscrutando “Será que não é sempre uma violência insuportável pretender encontrar a unidade de uma obra poética e dizê-la, congelando-a, numa fórmula ou numa figura, por mais certa e fascinante que nos pareça e por mais que

“julguemos poder atribuí-la ao fazer da própria obra?”, como o faz o poeta e ensaísta, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Manuel Gusmão, no livro em que antologia a poesia de Ruy Belo. Mas mais adiante no parágrafo assume que “não podemos aceitar um total cancelamento do desejo de interpretação”. Não podemos aceitar sequer o parcial cancelamento que esse argumento pressupõe existir porque uma antologia sobrevive justamente da capacidade de seleção, ela não deixa de ser um instrumento de legitimação ou reconhecimento público de um autor e de manutenção da divulgação de sua obra, e assim “exprime uma legítima vontade de participação no fazer(-se) do sentido”, para utilizar as palavras de Gusmão em alíneas seguintes, quando parece se conformar de vez com a “violência” das margens (ou da hermenêutica). Além do quê, a própria noção de escolha implica algum norte, quer seja visando os leitores ou a crítica, quer seja a partir de preferências pessoais.

Neste sentido, podemos dizer que *Na margem da alegria – poemas escolhidos por Manuel Gusmão* (Assírio & Alvim, 2011) parece ter por eixo, ainda que o próprio antologador não desse claramente por ele (como apercebemo-nos pelo texto introdutório), a seleção de poemas consagrados pela crítica, tais como “Para a dedicação de um homem”, “A mão no arado”, “Em cima de meus dias”, “Ácidos e óxidos”, “Orla marítima”, “Da poesia que posso”, “Cólofon ou epitáfio”, “Elogio de maria teresa”, “Madrid revisited”, “Morte ao meio-dia”, “O português futuro”, “Oh as casas as casas as casas”, “Em louvor do vento”, “Muriel”, “A sombra o sol”, “Despeço-me da terra da alegria”. Este, aliás, é o único poema selecionado do último livro do poeta, sendo o volume menos representativo na antologia, que assim acaba por não trazer poemas como “A fonte da arte”, “Fugitivo da catástrofe” ou “Poema para catarina”. Mesmo a antologia *País Possível*, publicada em 1973 com poemas de

Ruy Belo selecionados por ele próprio, é mais representativa na seleção de Gusmão, que aproveita para eleger na secção os poemas que não foram selecionados nas obras anteriores, respeitando as alterações textuais que Belo propôs na nova reunião. Temos, assim, uma antologia com 61 poemas que nos serve de guia sobretudo pela poesia de Ruy Belo mais trabalhada em análise poética.

Num ou noutro caso é que se trata de um poema escolhido estritamente por afinidade pessoal, nomeadamente na seleção de poemas de *Homem de Palavra(s)*, onde são escolhidos “Na morte de nicolau”, “Algumas proposições com pássaros e árvores que o poeta remata com uma referência ao coração” e “Através da chuva e da névoa” em detrimento de outros poemas com maior referência crítica, tais como “Nós os vencidos do catolicismo”, “Um dia não muito longe não muito perto”, “E tudo era possível” e “A autêntica estação”.

Homem de Palavra(s) é certamente o livro mais difícil de se antologiar não só por ter o maior número de composições (ao todo são 78), mas sobretudo por ser a obra mais diversa do poeta, com poemas que variam largamente em estilo, temática e amplitude rítmica. Se analisarmos *Aquele Grande Rio Eufrates*, o segundo livro com maior número de poemas (72), ou mesmo *Toda a Terra*, volume com apenas 31 poemas mas o mais extenso, veremos que essas publicações não possuem o leque de construções a que assistimos em *HP*, onde na nota introdutória à segunda edição o próprio Ruy Belo afirma que nesse livro parece “ter escrito poemas, introduzido processos, buscado formas que nunca escrevera, introduzira ou buscara até então”. Nessa quarta obra podemos encontrar, por exemplo, desde poemas que, apesar de forma diferente de *AGRE*, isto é certo, ainda evocam passagens ou figuras bíblicas, como em “O maná do deserto”, “Lucas, 21, 28” e “Lot fala com o anjo”, a curtos poemas com um lirismo revestido pelo humor anedótico, como em “O valor do vento” e “Na praia”.

Dessas composições citadas nenhuma se encontra na antologia de Manuel Gusmão, o que exemplifica o fato de grande parte da crítica beliana preocupar-se apenas com os poemas longos e a sua autonomização do restante da obra. E nos poemas longos, por conseguinte, o que se tem diligenciado dessa poesia é sobretudo o triunfo do fragmento sobre o todo, sem levar ao fim e a cabo a percepção de que, para um poeta como Ruy Belo, é fulcral a consciência de que “o poema é um todo constituído por palavras”, como várias vezes mencionou em ensaios, dentre eles “Morte em Lisboa” e “Num país como o nosso”.

“A missão das folhas”, por exemplo, é um poema (na lista dos não selecionados por Gusmão) de *Aquele Grande Rio Eufrates* que, com os seus quatro versos apenas (“Naquela tarde quebrada / contra o meu ouvido atento / eu soube que a missão das folhas / é definir o vento”), pode funcionar como um próêmio de toda a poesia beliana porque nos leva a pensar nas folhas e no vento como uma metáfora para o próprio exercício poético, inaugurando assim um universo simbólico que viria a ser recorrente em toda a obra. Além disso, a ausência desse poema pode revelar-se um indício de que a antologia não está pensada, em primeiro plano, para introduzir o leitor à obra poética de Ruy Belo, mas antes em reunir poemas que signifiquem expressamente a partir de olhares ensaísticos que pelo menos nas últimas três décadas tenham contribuído para a divulgação, pelo menos entre os pares, da poesia beliana.

Atendo-nos inclusive a esse conjunto crítico, vamos encontrar frequentemente a ideia de que na obra de Ruy Belo “vibra de uma ponta a outra uma inquietação que começou por ser religiosa e depois se despediu da crença e se tornou inquietação ontológica e metafísica”, como afirma Manuel Gusmão na introdução da antologia. Tal afirmação que sustenta a reiterada “despedida da crença” ou “a perda da fé”, criando

inclusive ruídos maniqueístas, parece-nos simplificar o processo de transformação dessa dimensão religiosa em Ruy Belo, onde uma “religiosidade torturada”, como diria José Tolentino Mendonça, dá cada vez mais lugar a um deus entendido como a universalidade em que os seres vivos participam de um movimento cíclico de retorno à natureza, à matéria. Em *Homem de Palavra(s)* já encontramos uma poesia onde elementos da natureza são conjugados à natureza humana numa coluna vertebral continuada, que segue até a dissolução desses elementos no mesmo pó necessário para a regeneração e restauração da vida. É por isso que num poema como “Palavras de jacob depois do sonho”, uma das seis composições em *HP* que fazem alusão direta a passagens bíblicas, “a casa de deus” é agora “mulher terra mar”.

Mais uma vez a ideia de unidade, que em nada deslegitima o mote de interpretações possíveis sobre a obra, manifesta-se aqui pungente porque ela nos dá a ver as catalisações ao longo da produção poética, nesse todo de que falávamos no início e que serve de ponto de partida para uma antologia. Para mais, também está implicada essa noção de unidade quando o antologador assume que o único volume que não está representado na coletânea é *A Margem da Alegria* por consideração ao contínuo poema que este livro é, não querendo assim fragmentá-lo uma vez que o próprio autor não o fez.

Ainda no texto “Dedicatória e despedida – algumas palavras de introdução” (nome, aliás, declaradamente em homenagem a uma forma recorrente de Ruy Belo de intitular poemas, tais como “Relatórios e contas” e “Enganos e desencontros”), Manuel Gusmão nos apresenta uma precisa reflexão sobre os percursos da intertextualidade na poesia beliana (que, ao nosso ver, poderia mesmo ter sido uma das linhas de escolha adotadas por tão bem funcionar para apresentar a obra de Ruy Belo). Inclusive a capa da antologia,

escolhida provavelmente sem esse intuito, acaba por ser um retrato que nos leva a pensar a importância desse trajeto de referências e influências do poeta. Aliás, trata-se literalmente de um retrato de Ruy Belo, numa fotografia tirada em seu quarto em Madrid, na Casa do Brasil, em 1972, onde vemos vários pôsteres de filmes ou de livros colados nas paredes, bem como fotografias e cartões-postais pendurados nas portas do guarda-roupa.

No ensaio introdutório Gusmão sublinha, diante desses fluxos culturais, uma “voracidade discursiva” que leva o poeta “a transportar em seu discurso inúmeras palavras de outros: títulos, versos e fragmentos de versos, imagens e figuras, como alguém que ‘pressente que este verso não é seu, / mas que sempre escreveu com os versos de toda a gente’”. Quer dizer, com essa destreza verbal e poética, Ruy Belo alinhava os elementos de construção “que já são material da poesia” a outros elementos “que vêm com a língua recebida”, tais como provérbios citados ou inventados, frases feitas e rotinas verbais, rimas involuntárias, jogos de palavras.

Assim, ao mencionar a consciência do poeta sobre os seus processos e a dimensão da artesanaria do seu trabalho, Manuel Gusmão revela os desdobramentos da “íntima relação entre vir de uma tradição e conquistar a singularidade” e do “dialogismo em que intimamente o erudito e o popular se entrelaçam” na obra poética beliana. Aponta nessa poesia o legado construtivista do modernismo, que conflui para a modulação de “uma conversa sustentada por uma fala, que se desdobra como num intenso monólogo dramático, irônica ou comovida e comovente”. “É como se nos falasse ao ouvido, como se tivesse um segredo a dizer-nos e, contudo, embora esse segredo fosse já público, nós continuássemos a não saber qual fosse”, conclui Gusmão.

E agora, para concluirmos nós, o que podemos ressaltar é que, tal como na primeira antologia, *Ruy Belo: cidadão de longe e de ninguém*, lançada em 1999 pelo Círculo de Leitores, com seleção de Maria Jorge Vilar de Figueiredo, temos com *Na Margem da Alegria* uma segunda compilação da poesia de Ruy Belo (lembrando que existe ainda um audiolivro publicado pela Assírio & Alvim em 2003 e que reúne 25 poemas de Ruy Belo ditos por Luís Miguel Cintra, o que não deixa de ser uma coletânea) que atua como relevante guia para se fazer uma revisão, ou revisitação, dos poemas elaborados pela crítica beliana mas que, na altura em que a coletânea foi lançada, em 2011, era urgente – e continua a ser, inclusive num momento afortunado que vive a expansão dessa poesia tanto em Portugal, com a reavivada poesia de intervenção, quanto no Brasil, com a publicação da obra completa, livro a livro – uma antologia pensada em primeira instância na introdução de um público leitor à poesia de Ruy Belo, olhando não só a margem na margem, com todas as alegrias e tristezas promulgadas pelo poeta, mas sobretudo olhando à margem, quando fora do centro é possível vê-lo por completo.